

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Todos dentro da Disneylândia [All within Disneyland]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Baudrillard, Jean
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-12 03:20:28
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162520

de vista a realidade, senão que perdemos de vista o sentido da realidade simbólica, ou seja, a capacidade de ver no imperfeito da vida, em suas dores e contradições, o único sentido capaz de tirar-nos da imobilidade à qual nos remete este mundo virtual tomado pela realidade.

Mais além da provocação ou do virtuosismo indigesto, próprio do jogador

que regateia até sua sombra, o que é preciso ver neste autor é o resgate do gesto filosófico originário, como diz Antonio Gimeno, tradutor e impulsionador do conhecimento de Zizek na área de fala espanhola. Este gesto de pensar novamente – algo que, tratando-se da filosofia, deveria ser evidente – é o que resulta excepcional. Por isso seduz tanto.

Artigo da semana

Todos dentro da Disneylândia

Por Jean Baudrillard

Para o filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard, a nulidade é a verdadeira pornografia dos dias atuais, o desejo perverso da pura obscenidade. O artigo que segue foi publicado no jornal italiano *Repubblica*, em 29 de março de 2006. Os subtítulos são nossos.

De Baudrillard a *IHU On-Line* publicou o artigo *A máscara da guerra*, na edição 51, de 17 de março de 2003. O Prof Juremir Machado da Silva apresentou o *IHU Idéias* de 11 de setembro de 2003, intitulado *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*. Sobre esse tema, Juremir concedeu uma entrevista na 74ª edição da *IHU On-Line*, de 8 de setembro de 2003, sob o título *11 de setembro segundo Jean Baudrillard*.

Baudrillard é um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, autor de vários livros entre os quais destacamos: *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; *A Ilusão Vital*. Civilização Brasileira, 2001 e *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

Toda a nossa realidade se tornou experimental. Na ausência de destino, o homem moderno é consignado a uma experimentação sem limites sobre si mesmo. Duas demonstrações recentes:

uma, *Loft Story*²⁴, para falar diretamente da ilusão midiática do real; a outra,

²⁴ *Loft Story* é o nome dado na França ao reality show conhecido como Big Brother (Nota da *IHU On-Line*)

*Catherine Millet*⁹⁵, para falar diretamente da ilusão fantasmática do sexo. O *Loft* tornou-se um conceito universal, um condensado do parque humano da atração, do gueto, da saída fechada e do anjo exterminador. A reclusão voluntária como laboratório de uma convivência de síntese, de uma sociabilidade telegeneticamente modificada.

E aqui, quando tudo é mostrado (como no *Big Brother*, e outros reality shows), que se percebe que não existe mais nada a ver. É o espetáculo da chatice, do grau zero, onde é fornecida a prova, contrariamente a todos os objetivos, do desaparecimento do outro, e talvez também do fato de que o ser humano não é fundamentalmente um ser social. O equivalente de um *ready made* – transposição tal e qual do *everday life*, esta mesma já maquiada por todos os modelos dominantes. Banalidade da síntese, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle.

Reality shows e Disneylândia

Nisso, o microcosmo artificial do *Loft* é semelhante à Disneylândia, que dá a ilusão de um mundo real, de um mundo externo, enquanto ambos são exatamente a imagem um do outro. Todos os Estados Unidos são Disneylândia, e todos estamos dentro da *Loft*. Não há nenhuma necessidade de entrar no duplo virtual da realidade, já estamos lá – o universo televisivo é apenas um detalhe holográfico da realidade global na qual vivemos. Mesmo dentro da nossa existência mais cotidiana, vivemos numa situação de realidade experimental. E é daqui que provém a fascinação, pela imersão e interatividade espontânea.

⁹⁵ *Catherine Millet*: Autora de *La Vie Sexuelle de Catherine M.* (*A Vida Sexual de Catherine M.*, Rio de Janeiro: Ediouro: 2001), em que descreve encontros sexuais que manteve com centenas de anônimos. (Nota da *IHU On-Line*)

Trata-se de voyeurismo pornô? Não. Há sexo por toda a parte, não é isso que as pessoas procuram. O que desejam profundamente é o espetáculo da banalidade, e é esta que constitui hoje a verdadeira pornografia, a verdadeira obscenidade – a nulidade, a inconsistência e a vulgaridade. No extremo oposto do Teatro da Crueldade. Mas, talvez possamos encontrar aqui uma forma de crueldade, ao menos virtual. Precisamente no momento em que a televisão e a mídia são cada vez menos capazes de dar conta dos acontecimentos (insuportáveis) do mundo, e descubrem a vida cotidiana, a banalidade existencial, como o acontecimento mais homicida, a atualidade mais violenta, o próprio lugar do crime perfeito. E, de fato o é. E as pessoas estão fascinadas, fascinadas e aterrorizadas pela indiferença do nada-que-dizer, do nada-que-fazer, da indiferença de sua própria existência. A contemplação do crime perfeito, da banalidade como novo *look* da fatalidade, tornou-se uma verdadeira e própria disciplina olímpica, a última metamorfose dos esportes extremistas.

A visibilidade como poder e controle

Tudo isso reforçado pelo fato de que é o próprio público a ser mobilizado como juiz, que se tornou ele próprio o *Big Brother*. Estamos além da “panóptica”, da visibilidade como fonte de poder e de controle. Não se trata mais de tornar as coisas visíveis a um olho externo, mas de torná-las transparentes a si mesmas mediante a passagem do controle pela massa, e cancelando de vez os vestígios da operação. Assim os espectadores estão implicados numa gigantesca contratransferência negativa sobre si mesmos e, ainda uma vez, é daqui que deriva a atração vertiginosa deste gênero de espetáculo.

No fundo, tudo isso corresponde ao direito e ao desejo imprescritível de ser Nada e de ser vistos como tais.

Há dois modos de desaparecer: ou se exige não se ser visto (é a atual problemática do direito à imagem), ou então a gente se aprofunda no exibicionismo delirante da própria nulidade. Tornamo-nos ninguém para sermos vistos e guardados como tal – extrema proteção contra a necessidade de existir e a obrigação de sermos nós mesmos.

Resulta daqui a exigência contraditória e simultânea de não ser vistos e de ser continuamente visíveis. Todos jogam ao mesmo tempo sobre ambas as vertentes e nenhuma ética nem legislação podem resolver este dilema – aquele do direito incondicionado de ver e aquele, igualmente incondicionado, de não ser vistos. A informação completa faz parte dos direitos do homem e, por isso, também a visibilidade forçada, a superexposição a luzes da informação.

A violência da confissão

A expressão de si como forma extrema da confissão, de que falava Foucault. Não guardar nenhum segredo. Falar, falar, comunicar infundavelmente. Tal é a violência feita a cada indivíduo e ao seu segredo. E, ao mesmo tempo, trata-se de uma violência feita à linguagem, porque, a partir daqui, isso perde também a sua originalidade, não é mais que meio de comunicação, operador de visibilidade, perde toda dimensão irônica ou simbólica – lá onde a linguagem assume uma importância maior do que aquilo de que fala. E, o pior desta obscenidade, desta falta de pudor, é o compartilhar forçado, aquela cumplicidade automática do espectador que nada mais é senão o resultado de um verdadeiro e próprio seqüestro. É este o objetivo mais claro da

operação: a escravidão das vítimas, mas uma escravidão não obstante, voluntária, aquela das vítimas que gozam do mal que lhes é feito, da vergonha que lhes é imposta.

A autodestruição como experiência estética

O compartilhar, da parte de uma sociedade inteira, do seu mecanismo fundamental: a exclusão interativa, que é o cúmulo! Decidida em comum, consumada com entusiasmo. Se tudo acaba na visibilidade que é, como o calor na teoria da energia, a forma mais degradada da existência, então o ponto crucial é o de conseguir fazer desta perda de todo espaço simbólico, desta forma extrema de desencanto da vida, um objeto de contemplação, de sideração e de desejo perverso. “A humanidade, que outrora, com Homero tinha sido objeto de contemplação pelos deuses olímpicos, agora se tornou tal para si mesma. A alienação de si mesma chegou naquele grau que a faz viver a sua própria destruição como uma sensação estética de primeira ordem” (Walter Benjamin). O experimental toma, assim, em toda parte o lugar do real e do imaginário. Os protocolos da ciência e da verificação nos são inoculados em qualquer âmbito e estamos sempre aí a seccionar, em « vivisseção », sob o bisturi da « cinepresa », a dimensão relacional e social, fora de qualquer linguagem e contexto simbólico. Também Catherine Millet é experimental – outro gênero de “vivisseção”. Todo o imaginário da sexualidade é afastado, resta somente um protocolo como verificação ilimitada do funcionamento sexual, um mecanismo que, no fundo, não tem mais nada de sexual.

Duplo contra-senso

- fazer da própria sexualidade a referência última. Rejeitada ou

manifestada, de qualquer modo a sexualidade não é mais do que uma hipótese e, enquanto tal é falso tomá-la como uma verdade e uma referência. A hipótese sexual é mais do que um fantasma, talvez, e, em todo o caso, a sexualidade assumiu a autoridade e a aura de estranho atrativo, do qual goza agora, graças à repressão sexual – se manifestada, ela perde também esta qualidade potencial.

- - de onde o contra-senso e a absurdidade da passagem ao ato e de uma “liberação” sistemática do sexo: não se libera uma hipótese. Quanto ao provar o sexo pelo sexo, que tristeza! Como se a “magia” não se fosse toda na finta, no *détour*, no *transfert*, na metáfora – tudo reside, de fato, no filtro da sedução, no *détournement*, não no sexo e no desejo, mas no jogo com sexo e com desejo. É isso que torna desmedidamente impossível a operação do sexo “em direto”, assim como aquela da morte em direta da própria direta televisiva – tudo é se torna surpreendentemente naturalístico. É a pretensão de fazer acontecer tudo no mundo real, em substância, de precipitar tudo numa realidade integral. E, de qualquer modo, é precisamente esta a própria essência do poder.

- “A corrupção do poder é a de inscrever no real tudo o que era da ordem do sonho...” A chave nos é fornecida por Jacques Henric⁹⁶ na sua concepção da imagem e da fotografia: inútil velar-se a face, a nossa curiosidade pelas imagens é sempre de ordem sexual – tudo o que nos cerca é, afinal, o sexo, e em particular o sexo feminino. Esta não é apenas a origem do mundo (Courbet⁹⁷), mas a

⁹⁶ Jacques Henric: Escritor francês, autor de *Legendas de Catherine M.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹⁷ Gustave Courbet (1819-1877): pintor francês pertencente à escola realista. Foi, acima de tudo, um pintor de paisagens campestres e marítimas onde o romantismo e idealização da altura são substituídos

origem de todas as imagens. Andemos, então, para dentro sem hesitação e fotografemos esta única coisa, obedeçamos sem remorso à pulsão “finalística”! É o princípio do *realerotik*, do qual o contínuo *acting-out* copulatório de Catherine Millet é o equivalente para o corpo: já que, no final, o que todos sonhamos é o uso sexual ilimitado do corpo, passamos sem hesitação à execução do programa!

- Nada mais de sedução, nada mais de desejo e nem sequer mais prazer: tudo está ali, na repetição ilimitada, dentro daquele acúmulo no qual a quantidade desconfie sobretudo da qualidade. Sedução aliciadora. A única questão que se quisesse colocar é aquela que sussurra o homem ao ouvido da mulher durante uma orgia: *what are you doing after the orgy?* (o que você faz após a orgia?). Mas, é inútil, já que, para ela, não existe nenhum além da orgia.

por uma representação da realidade fruto de observação direta. (Nota da *IHU On-Line*)